

A onda marginal dos slams na grande Porto Alegre

Julio Souto Salom¹

Warley “Janove” Souza Pires²

189

Neste artigo observamos a dimensão territorial do circuito de slams de poesia falada na região metropolitana de Porto Alegre entre 2017 e 2019. Em um texto anterior, mais extenso, tivemos a oportunidade de analisar com mais detalhe a produção poética dos slammers deste circuito, observando como, entre a heterogeneidade de temas e estilos, predominam as perspectivas negras, antirracistas, feministas e periféricas (SOUTO e PIRES, 2020). Ao enfatizar a análise da dimensão territorial, pretendemos mostrar como diferentes meios e suportes permitem a conexão de poetas e públicos para a divulgação destas ideias e poemas. Para isso, começaremos

¹ Professor na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutor e Mestre em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Graduando em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Poeta e slammer, coorganizador do Slam Chamego (Porto Alegre/RS), Slam 48 (Alvorada/RS), do ELIPA - Encontro Literário das Periferias (Porto Alegre/RS) e do Festival Conexões Literárias (Porto Alegre/RS).

apresentando o formato “slam de poesia falada” e sua chegada no Brasil. Focando em Porto Alegre, mapeamos o circuito de slams em relação com a cartografia racial da cidade, para entender como a voz poética circula pelos diferentes caminhos (gargantas e ouvidos, vídeos e telas, páginas de fanzines e livros) alcançando diferentes públicos. A extensão do circuito de slams para as quebradas periféricas da região metropolitana é um movimento espontâneo, mas estratégico, que comentamos no final do texto.

1. SLAMS DE POESIA FALADA

Os slams são competições de poesia falada (*spoken poetry*) em um formato com padronização internacional: os *slammers* declamam poesias autorais em um máximo de 3 minutos, que depois são avaliadas com notas de zero a dez por um júri formado por cinco pessoas selecionadas aleatoriamente do público instantes antes de começar. A competição se desenvolve em três ou mais rodadas, nas quais avançam os poetas mais bem avaliados, até coroar-se o campeão da noite.

190

Esse tipo de competição poética surge em 1986 em um bar de Chicago, idealizado por Mark Kelly Smith e o *Chicago Poetry Ensemble*. É nesse contexto que se fixa o termo *slam*, um empréstimo do contexto esportivo, pois competições de tênis, baseball ou bridge são também conhecidas como slams. O formato do *poetry slam* se estendeu por outras cidades dos Estados Unidos, e em 1990 se celebrou o primeiro *National Poetry Slam* em San Francisco. Nessa década, o formato se populariza e ganha projeção internacional com filmes como o documentário *Slam Nation* (Paul Delvin, 1988) ou *Slam* (Marc Levin, 1998). Em poucos anos, os slams de poesia falada começam a proliferar por outros países como Suécia, Inglaterra, Alemanha ou Canadá e, em 2002, acontece o primeiro campeonato internacional de *Slam Poetry* em Roma, com participantes de vários continentes. Nessas competições internacionais, os poetas declamam na sua língua nativa e, em uma tela projetada no palco, se apresentam simultaneamente traduções dos poemas em vários idiomas (D’ALVA, 2011).

No Brasil, o formato *slam poetry* foi introduzido pela atriz, poeta e slammer Roberta Estrela d'Alva, que em 2008 organizou em São Paulo o primeiro slam do coletivo *Zona Autônoma da Palavra – ZAP!*. Participando em grupos teatrais que experimentaram com a *spoken poetry*, D'Alva teve contato com os filmes mencionados e procurou algum evento semelhante na cidade.

É importante salientar que, mesmo que até esse momento não existisse no Brasil nenhuma competição no formato padronizado do *slam poetry*, esse é um momento de muita vitalidade para a literatura periférica e a poesia falada. Desde os anos 2000, em São Paulo e outras cidades do Brasil se articulou o movimento da literatura marginal periférica (NASCIMENTO, 2011). Esse movimento literário encontra um referente imediato na literatura negra brasileira dos anos 1970 e 1980 (SILVA, 2013). A novidade mais destacada do período é a consolidação de um circuito dinâmico de *saraus* em bares e outros centros culturais periféricos (TENNINA, 2017). Esses *saraus*, encontros abertos para a declamação poética, são semelhantes aos slams, mas não tem nem o caráter competitivo nem a rigidez das normas para declamar. Ou seja, nos *saraus* é permitido e frequente declamar poesias não autorais, há tolerância para poemas de mais de três minutos e, ainda que o público se manifeste com palmas e ovações, não se atribui notas aos poemas.

Além dos *saraus*, os slams podem nos lembrar de outro fenômeno cultural muito presente nas cidades brasileiras desse período: as *Batalhas de Rima*, também chamadas *Batalhas de MCs*, diretamente associadas ao universo Hip-Hop. Nas batalhas de rima, os MCs competem com versos de afronta e desafio, tentando humilhar seu rival com rimas de efeito (PINTO, 2015). São semelhantes aos slams no seu caráter competitivo; nos espaços em que se celebram, sempre espaços públicos como praças, viadutos ou estações de metrô; na disposição do público em roda com os poetas competindo no centro; e na infraestrutura técnica necessária para organizá-los, quase sempre apenas a pura voz dos poetas e MCs, sem microfones nem aparelhos para amplificação. Porém, as diferenças são notáveis: nas *Batalhas*, a competição é agonística (um MC contra outro, tentando a

eliminação mútua) e, geralmente, os temas se limitam à ofensa e ao deboche, tentando vencer ao rival. Por outro lado, nos slams os temas são variados e a competição é genérica entre todos os competidores, com as notas do jurado como referência comum. Além disso, nas batalhas se espera que os competidores improvisem as rimas no momento (TEPERMAN, 2011), exigência que não existe nos slams, onde é normal que os poetas leiam seus textos escritos em papel ou seu telefone celular.

A popularização dos slams no Brasil foi muito rápida. Na mesma cidade de São Paulo aparecem outros slams depois do *ZAP!*, como o *slam da Guilhermina*, que toma o nome de uma estação de metrô (STELLA, 2015) ou o *slam Resistência*, que funciona desde 2014 na praça Roosevelt. No final do ano de 2017, a estimativa é de que funcionavam mais de quarenta e quatro slams na cidade de São Paulo (FREITAS, 2018). Ao divulgar seus vídeos e declamações na internet, esses slams pioneiros inspiram jovens de outras cidades e estados que decidem organizar seus próprios slams. Por exemplo, em Belo Horizonte, surge em 2014 o *slam Clube da Luta*, que ao mesmo tempo serve de referência para outros slams na cidade e no estado de Minas Gerais (COELHO, 2017). Essa mesma dinâmica acontece em outros estados, e a rede de slams se mantém conectada com a celebração da Final Nacional de Slam BR no fim de cada ano. Segundo a organização Slam BR, na Final Nacional de 2019 estiveram representados 181 slams de 15 estados do país (Slam BR apud. SOUTO e PIRES, 2020, p. 387).

192

Após esta apresentação geral dos slams e a circulação deste formato a nível internacional, mudamos de escala para perceber como esse circuito de poesia falada se territorializa na região metropolitana de Porto Alegre.

2. DAS PERIFERIAS AO CENTRO

Os primeiros slams de Porto Alegre começam a organizar-se a inícios de 2017, alguns anos depois dos slams de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Comparando os cenários de cada cidade, uma das características diferenciais de Porto Alegre é a ausência prévia de um circuito de saraus tão consolidado e intenso como o de São Paulo. Como único caso comparável

destaca-se o sarau Sopapo Poético, um encontro mensal para declamar poesia negra (FONTOURA, SOUTO e TETTAMANZY, 2016), ainda que o perfil de participantes nesse sarau não seja tão juvenil como o dos slams. Alguns participantes eventuais dos slams participavam ou organizavam o Sopapo Poético, como Fátima Farias, Pâmela Amaro, Lilian Rocha, Sidnei Borges ou Ana dos Santos. Por outro lado, sim que existia uma cena forte de Batalhas de MCs em Porto Alegre e região metropolitana antes da explosão dos slams. A Batalha do Mercado, a principal referência, acontece desde 2011 no histórico Mercado Público de Porto Alegre, todo último sábado do mês. Vários participantes dos primeiros slams participavam dessas competições, como Rafael Delgado, Slashin, Deivith Santos, DaNova, Felipe Deds, entre outros.

Existe uma polêmica sobre qual foi o primeiro slam de Porto Alegre. O *Slam das Minas* marca como seu início o 10 de dezembro de 2016, uns meses antes do primeiro *Slam Peleia*, no dia 24 de março de 2017. O *Slam das minas* surge espontaneamente, inspirado em outros slams semelhantes de outras cidades do Brasil que se definem pela organização e participação exclusivamente feminina e permitir unicamente a participação feminina. Esse protagonismo feminino se propõe como uma reação à hegemonia masculina em Batalhas de MCs, saraus e slams, permitindo e incentivando a expressão de mulheres poetas que não encontravam um espaço acolhedor nos slams convencionais. Já o *Slam Peleia* surge em articulação direta com o circuito brasileiro de slams e com a assessoria de Roberta Estrela d'Alva, é o primeiro slam de Porto Alegre com os padrões e normas do formato competitivo internacional. Com um excelente registro em vídeo das primeiras edições³, o *Slam Peleia* consegue rapidamente uma boa notoriedade. Organizado no centro de Porto Alegre, aproveitando a boa mobilidade urbana de qualquer ponta da região, é uma das referências do circuito metropolitano de slams. É interessante o deslocamento do local onde se organiza o slam, que acontece após umas três edições: da Praça Marquês de Sevilha (conhecida como Praça do MMs) até o Largo Zumbi

³ Vídeos do *Slam Peleia* no seu canal de youtube: <https://www.youtube.com/c/SlamPeleia> (Acesso em 20/06/2021).

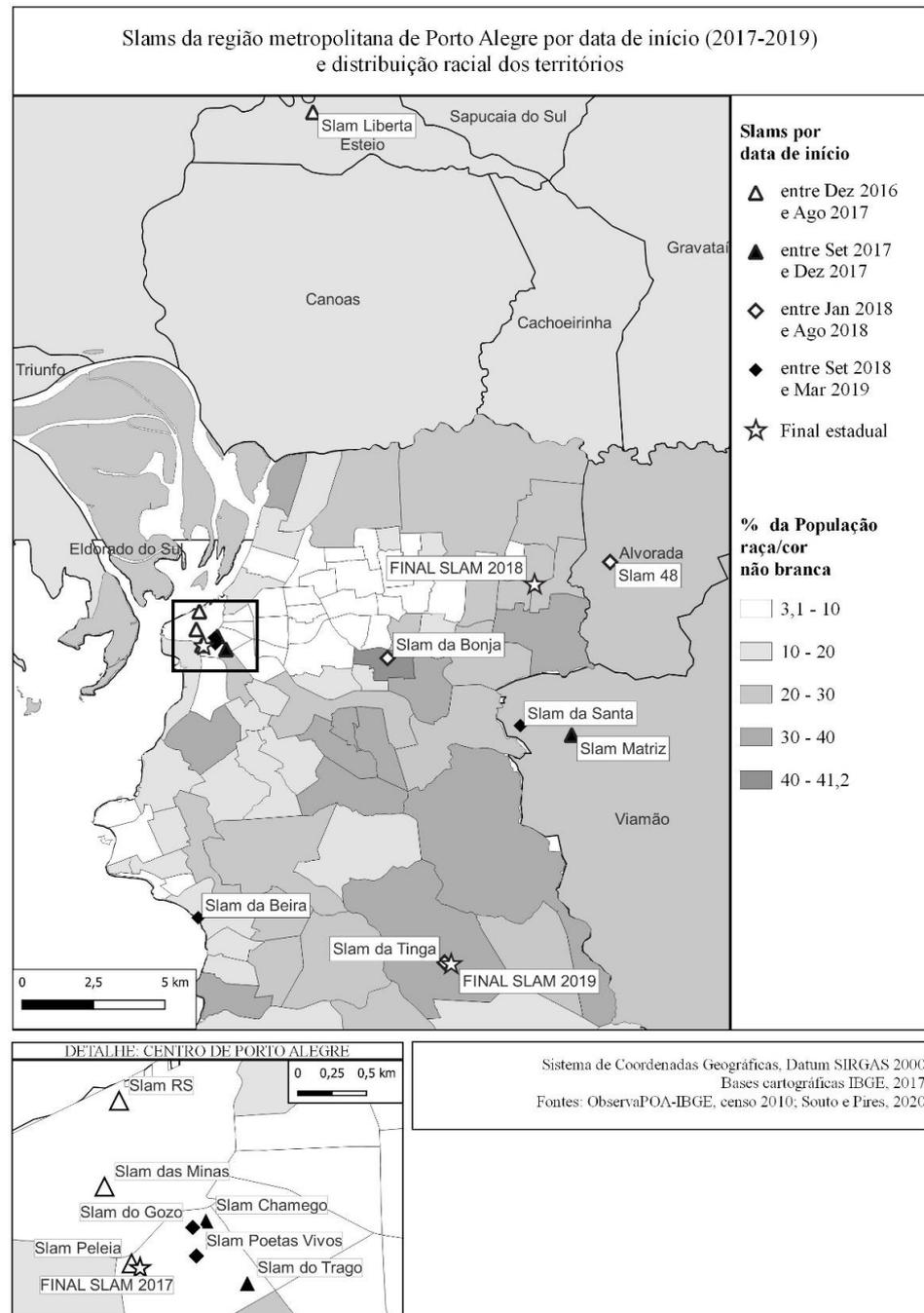
dos Palmares, a menos de um quilômetro de distância. A mudança da organização procura um espaço sonoro mais propício e aconchegante. O primeiro ponto de encontro, localizado perto de uma conhecida lancheria, aglomera muitas pessoas e facilita a popularização do evento, mas isso dificulta a audição dos poetas; já na segunda localização, um grande estacionamento normalmente deserto, reúnem-se unicamente pessoas que desejam escutar as vozes em declamação, e sobre a ampla esplanada de asfalto, mal iluminada pelas lâmpadas da rua, entre algum que outro carro, os corpos ouvintes formam uma roda atenta, em cujo centro brilham os *slammers*. Uns meses depois, em maio de 2017, começa o *Slam RS*, que adota a sigla do estado como nome, pensando que, nesse momento, era o único slam do Rio Grande do Sul (depois, com base na sigla, os organizadores rebatizam como *Slam ReSistência*). Celebrado frente ao Mercado Público, no início este slam é protagonizado pelos MCs participantes na *Batalha do Mercado*. Em julho do mesmo ano começa o *Slam Liberta*, que acontece mensalmente na Casa da Cultura Hip-Hop (CCHH) de Esteio. Este slam é o primeiro organizado fora do centro da capital, em um município vizinho conectado pelo trem metropolitano. A CCHH é um centro cultural independente muito potente, promovido pela comunidade do Hip-Hop de Esteio e cidades vizinhas (Canoas, São Leopoldo, Sapucaia, Novo Hamburgo), especialmente por iniciativa do grupo de rap Rafuagi. Nessa casa se organizam muitas atividades relacionadas com o Hip-Hop, desde oficinas de *break-dance* e gravação de temas até Batalhas de Rima, festas e shows abertos ao público. Com o *Slam Liberta*, o formato slam segue ganhando divulgação na comunidade Hip-Hop da região metropolitana de Porto Alegre.

Em agosto de 2017 esses quatro slams organizam conjuntamente, no Largo Zumbi, o *Slam Conexões*, um encontro que contou com a participação da escritora e slammer paulista Mel Duarte, convidada para participar do evento e de outras oficinas e rodas de conversa na região. A partir desse momento, os slams proliferam rapidamente em bairros mais distantes do centro ou em municípios da região metropolitana. Com esse movimento, os participantes e organizadores dos primeiros slams levam aos seus próprios

territórios esse formato competitivo de poesia falada, encontrando novos participantes e públicos. Ao mesmo tempo, aparecem slams temáticos, como o *Slam Chamego*, no qual as poesias devem tratar de alguma forma de amor, ou o *Slam do Gozo*, dedicado à poesia erótica. Essas propostas, além de buscar novos participantes, tentam provocar aos poetas para que abordem diferentes temáticas. O *Slam Chamego* surge ao perceber que nos primeiros slams predominavam temas muito duros e trágicos, de denúncia da violência policial e do genocídio da juventude negra. Restringindo o tema, aparecem novos enfoques e perspectivas da realidade, muitas vezes dos mesmos poetas. Esse slam propicia momentos memoráveis, como um inesperado pedido de casamento depois de uma poesia amorosa.

A explosão dos slams em Porto Alegre e região metropolitana é constatada na quantidade de slams em funcionamento em 2019. Cada um deles, com ao menos cinco edições no ano, escolhe um vencedor anual para participar na Final Estadual, classificatória para a Final Nacional de Slam que acontece em São Paulo. Em artigo anterior, elencamos os slams em funcionamento na região metropolitana de Porto Alegre neste período (SOUTO e PIRES, 2020, p. 394-395). A localização cartográfica dos slams no seguinte mapa (Figura 1) nos ajuda a explicar o argumento territorial que estamos aprofundando no presente texto. Comparando a localização cronológica dos slams com a distribuição racial da população da região metropolitana, ilustramos a chave racial e social que subjaz aos movimentos de territorialização destas vozes poéticas predominantemente negras e periféricas.

Figura 1: Slams da região metropolitana de Porto Alegre por data de início e distribuição racial dos territórios



Fonte: IBGE, 2010; Souto e Pires, 2020.

A distribuição racial da cidade com um centro onde moram quase exclusivamente pessoas brancas é reflexo da história social do racismo em Porto Alegre, que pode ser traçada desde o período pós-abolição (ROSA, 2018) prolongado durante o século XX com formas de sociabilidade

segregada, como o campeonato de futebol negro “a Liga da Canela Preta” (SANTOS, 2018). A remoção dos territórios negros do centro continua com subsequentes processos de dispersão periférica da população negra (VIEIRA, 2017). A ocupação do centro por parte destes slams está carregada de um sentido de retomada desses territórios para práticas culturais negras e populares. Atualmente, para além do que nos indicam esses dados demográficos residenciais, o centro da capital é uma encruzilhada, um território de passagem que as pessoas atravessam cotidianamente para trabalhar, estudar, fazer compras, acessar outras regiões da cidade... A organização dos primeiros slams no centro, considerando a rede de ônibus e trem urbano, tem a vantagem de permitir a conexão de pessoas de todos os pontos da região metropolitana. Com a propagação dos slams nos diferentes pontos da cidade, os slammers começam a rodar toda a região metropolitana, sendo frequente a participação de alguns slammers em quase todos os pontos da região metropolitana, se mostrando para públicos que dificilmente assistiram os slams do centro.

3. OS CAMINHOS DA VOZ: VÍDEOS, FANZINES E PRAÇAS

Se os poetas circulam pela cidade declamando e organizando slams, as poesias voam de forma ainda mais vertiginosa. A situação de slam mais cotidiana é com o encontro marcado, divulgado nas redes sociais como facebook e instagram. Nessas situações, o público pode escutar diretamente os poemas no mesmo momento que estão sendo declamados, e participar ativamente com sua presença e seu som, aplaudindo e gritando para expressar suas reações. Mas além disso, muitos vídeos são compartilhados na internet (em plataformas como youtube, ver nota 1) oferecendo um espaço de divulgação para a poesia oral que era impensável há alguns anos. Se pensamos nas tradições mais antigas da poesia oral, como o repente ou o cordel, notamos que a copresença autor-público era quase a única forma de divulgação. Ainda que pontualmente tenham existido registros sonoros como o disco de vinil, a gravação em fita cassete ou divulgações radiofônicas, essas nunca foram consideradas um meio expressivo específico, com a elaboração das formas poéticas pensadas para esse meio. A atual popularização de ferramentas para o registro, edição, divulgação e

reprodução de vídeo e som faz que muitos destes poetas invistam tempo, reflexão e trabalho na produção de vídeos de poesia oral, pensados especificamente para esse suporte. Com uma estética semelhante ao vídeo-clip, mas com a sobriedade que implica a ausência de música instrumental, esses vídeos incorporam a intensidade do momento da declamação, mas contemplando a possibilidade de outras tonalidades que seriam impossíveis em uma roda de slam. Com isso, os poemas de slams ganham variações nos vídeos, às vezes muito diferentes à declamação numa roda urbana.

Um bom exemplo para apreciar estas variações é o poema “E se Jesus fosse preto?”, de Bruno Negrão. Esse poema foi declamado em várias ocasiões em rodas de slams, especialmente durante 2017, antes que Bruno fosse finalista na Final Regional de Slam RS e conseguisse uma vaga na Final Nacional. No mesmo período, Bruno gravou um vídeo específico deste poema⁴, que divulgado em facebook e youtube conseguiu um grande efeito de viralização, multiplicando a sua visibilidade como poeta. O poema começa assim:

198

*Ei, meu, ei, meu, e se Jesus fosse preto?
Tô falando dele mesmo, o filho de dona Maria
Que nunca conheceu o pai e nem teve emprego,
que faz aniversário em dezembro
Já parou pra pensar se ele fosse preto?
Ou esqueceu que ele nasceu na periferia?*
(Bruno Negrão, 2017)

A partir dessa provocação inicial, o poema segue desdobrando essa hipótese irônica (E se...?) com uma série de comparações provocadoras e até humorísticas, como por exemplo: “*se ele fosse da nossa cor / não seria respeito chamá-lo de Senhor / mas, sim, de Nego Veio*”; ou:

4 “E se Jesus fosse preto? – Bruno Negrão – Poesia Marginal” (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mpL-JZI-6D0>, acesso a 20/06/2021). Postado em 28/08/2017, atualmente o vídeo tem quase 30.000 visualizações. Além do vídeo produzido pelo poeta, o mesmo poema foi gravado em maio de 2018 na participação de Bruno Negrão no programa *Manos e Minas*, da TV Cultura, contando com mais de 250.000 visualizações (<https://www.youtube.com/watch?v=6nROWPOWk18>, acesso a 20/06/2021).

Ei, meu, ei, meu, e se Jesus fosse preto?

Desses que só andam na estica

O cabelo longo, na verdade, um black,

De vez em quando, até uns beck

E a santa ceia, só uns muleke

Matando a larica

(Bruno Negrão, 2017)

Mas a incisiva analogia consegue o efeito de mostrar como a negritude associada a qualquer manifestação cultural desperta o ódio racial: “*Quem hoje vê problema em cuspir na cruz / se ele não tivesse olhos azuis / ia falar: ‘chuta, é cristianismo’*”. O poema conclui levando a hipótese até às últimas consequências, associando Jesus a casos históricos de apropriação cultural de manifestações negras e embranquecimento no imaginário coletivo:

Ei, meu, ei, meu,

Será que Jesus não era mesmo preto?

Eu tô achando...

Preto igual o rock'n roll, Egito,

Machado de Assis e outros tantos.

Bom, aí, mesmo se ele fosse preto,

Pra vender a sua imagem e ser aceito

iam te dizer que ele era branco

(Bruno Negrão, 2017)

Comparado a outros poemas dos slams, este destaca pela sua estrutura discursiva, como a exposição da ideia em uma conversa casual. A estrutura de repetição do refrão (“*Ei, meu, ei, meu, e se Jesus fosse preto?*”) se adapta perfeitamente à mensagem de fundo. Partindo dessa hipótese epifânica, com insistência se mastiga o pensamento em todas suas implicações, provocando da indignação à gargalhada, até chegar no golpe mestre de ironia que fecha

o poema. Observando os diferentes contextos nos que o poema foi declamado (slams, saraus, palcos com microfone, rodas abertas na rua, cenários de televisão...) é perceptível que o efeito geral funciona em todas as situações. Mas a encenação do vídeo editado se destaca por encaixar perfeitamente com a sutileza das ideias, quando elas são sussurradas ao ouvinte como quem oferece uma sedutora fórmula secreta. Nesse formato, o poeta pode expressar-se sem elevar a voz, aparecendo como um contrabandista no fundo da imagem, meio oculto atrás dos barrotes de uma escalinata. O vocativo repetido ao início de cada estrofe (“*Ei, meu, ei, meu*”) tem o tom do chamado clandestino de um traficante de informação, do aluno repetente que conta as verdades secretas do mundo dos adultos para seus ingênuos colegas, do militante subversivo que traz uma tese revolucionária mas não pode ser visto ao divulgá-la. Na situação de slam, essa mesma chamada nem sempre pode se expressar nesse tom. Entre o som do público e o barulho da rua, é necessário gritar para se fazer ouvir, com um tom mais semelhante ao vendedor de feira ou pregador apocalíptico, fazendo o poema variar sutilmente na sua recepção, realizando as diferentes potências contidas no texto.

Além dessa dupla vida do poema, na declamação oral em contexto de slam e no vídeo editado, podemos apontar ainda um terceiro modo de existência de *E se Jesus fosse preto?*. A finais de 2017, Bruno Negrão editou esse poema em um pequeno fanzine em papel, junto com outros textos da sua autoria. Com uma diagramação imaginativa, o fanzine se imprime em duas folhas cortadas e grampeadas, o que reduz muitíssimo o custo de impressão e permite um preço baixo. Com esse formato, o fanzine era vendido de mão em mão em slams, festas, eventos literários e nos bares lotados nos finais de semana. Segundo Bruno, é difícil calcular quantos exemplares desse fanzine já vendeu, mas certamente já há mais de 3.000 cópias em circulação.

O formato fanzine rapidamente virou uma tendência bem-sucedida entre os slammers, que veem no fanzine um meio apropriado para divulgar a obra e conseguir algum pequeno retorno financeiro desse trabalho. A prática lembra a poesia de cordel e os poetas brasileiros da “geração mimeógrafo”.

Na sequência do fanzine de Bruno Negrão, vários slammers começaram a publicar os seus. Podemos citar, como exemplos: *Quando o caso escurece* (Cristal Rocha), *Hoje lembrei de Racionais* (Hércules Marques), *Te amo sua cachorra* (Rafael Delgado), *Poetas Vivos* (coletânea do coletivo), *Amar não machuca ninguém* (Mike Lorry), etc. Esse último, um jovem poeta haitiano que chegou em Porto Alegre há poucos anos, começou a participar por acaso no circuito de slams, ainda sem um perfeito domínio do português. No instante foi acolhido pela comunidade dos slams, que o apoiou em tudo o necessário para conseguir lançar o seu primeiro fanzine, ao que seguiram outros dois com poemas em português, francês e creole. Depois desses zines, Mike Lorry publicou o livro *A angústia de uma alma* (2020). Essa é outra tendência entre os poetas de slams: a edição de livros independentes. Quase como uma consequência lógica, esses jovens poetas vão se apropriando das diferentes tecnologias e percebem que, com os meios disponíveis atualmente, editar e distribuir livros convencionais não é um desafio intransponível. Editoras independentes ou especializadas, como a recente *Figura de Linguagem*, se mostram interessadas em estabelecer parcerias com esses poetas.

Contudo, mesmo com as possibilidades técnicas de produção, divulgação e reprodução dos poemas no vídeo e no papel, parece que o encontro presencial não perde vigência para estes poetas apaixonados pela poesia oral. Como vimos na figura 1, no final de 2019 se encontrava uma boa quantidade de slams com frequência mensal na região metropolitana de Porto Alegre.

Com a pandemia, esses slams não tiveram o mesmo alcance. Podemos pensar em alguns fatores: os slams originalmente acontecem em locais públicos fechados, mas no Brasil acontecem preferencialmente em espaços abertos e gratuitos. Agora, com a participação online, as dinâmicas do encontro são outras. Por mais que os *slammers* deem o seu melhor em suas performances, as suas punchlines não são contempladas com os famosos “wows”, “plow” e “tiuntia-tia-tiu-tiuntia”. A falta desse efeito, do calor humano nas rodas, da cerveja gelada para aliviar o calor ou do quentão para aquecer no inverno, pelo que observamos, foi um dos pontos mais

relevantes para a dinamização do engajamento do encontro, seja pelos coletivos responsáveis pelo evento acontecer, seja pelo público. O resultado se aprecia nos números: o *Slam Chamego*, por exemplo, reunia em média 150 pessoas em seus eventos presenciais, com a pandemia, nas plataformas digitais, foram em média 33 pessoas acompanhando. O *slammaster*, responsável por apresentar o slam, não possui o mesmo *time* do diálogo; um desses motivos é o acesso precário a uma internet de qualidade. Foram recorrentes as desculpas por não participar nos encontros online por falta de acesso, seja dos participantes ou dos ouvintes e em muitos dos encontros a internet não funcionou como o esperado, travava ou “caia” nos momentos das falas. Mas mesmo com esses problemas técnicos, diversos slams aconteceram.

Voltando ao mapa (Figura 1), que contempla o período 2017-2019, vemos que antes do início da pandemia a rede de slams na região metropolitana de Porto Alegre era densa e articulada. Além disso, há uma tendência nítida de descentralização periférica dos slams. Especialmente a partir de 2018, aos slams organizados em bairros centrais de Porto Alegre (Cidade Baixa, Centro) seguem outros organizados em bairros periféricos da capital (Restinga, Bom Jesus) ou em municípios adjacentes (Esteio, Viamão, Alvorada). Esse deslocamento territorial está associado com a pertença dos organizadores e participantes, que levam para os seus territórios estes eventos. Essa reterritorialização dos slams dialoga com a história política de configuração racial e social da cidade, que por sucessivos processos de expulsão e remoção foi produzindo um centro branco e de classes altas enquanto a população negra e trabalhadora era alocada nas periferias (VIEIRA, 2017, p. 162). Com a descentralização periférica, o movimento dos slams reafirma o seu engajamento com a cultura negra e periférica, com as duas finais estaduais (2018 e 2019) organizadas em quadras de escolas de samba como momento culminante. Aprofundamos esta questão no seguinte ponto.

4. DO CENTRO ÀS PERIFERIAS

Esse movimento espontâneo mas estratégico de ocupar os atuais espaços predominantemente brancos foi muito importante para a promoção do slam em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. É esse movimento que abre brechas para reflexões como: que espaços são esses que estamos ocupando? Por que estamos declamando para essas pessoas privilegiadas geograficamente, logo também racialmente? Por que não estamos em nossas *quebradas*?

Enquanto servimos a casa grande nunca sairemos da senzala.

(Slammer e poeta Agnes Maria)

Essas indagações presentes em conversas informais e nas próprias poesias dos *slammers*, criaram em 2018 uma nova onda do movimento, levando os slams para as quebradas. Essa onda teve como marco o *ELIPA - Encontro Literário das Periferias*, que incluiu a Final Estadual de Slam 2018. Até chegar a esse encontro, uma série de slams foram surgindo nas periferias da região metropolitana (ver Figura 1).

203

A organização dos slams nas periferias frequentemente veio acompanhada de atividades paralelas relacionadas com a educação popular. Por exemplo, em Alvorada, antes do *Slam 48* (nome que faz referência ao número da parada de ônibus onde acontece o slam), os mesmos organizadores realizaram uma série de oficinas de poesia falada com o formato slam na Casa de Juventude da Vila Salomé, no mesmo município. Atuando com jovens e adolescentes, os slammers Janove e Afrovluto explicaram as rotinas básicas de um slam e mostraram as diferentes formas expressivas, conseguindo o interesse dos menores em pouco tempo. As oficinas terminaram com a participação da slammer paulista Mel Duarte, que apresentou a sua poesia e conversou durante uma tarde com os meninos e meninas, causando grande impacto emocional. A poeta, em tantos sentidos tão semelhante com eles e, ao mesmo tempo, com tanta potência expressiva e uma posição tão forte no mundo, agia na gurizada como um referente representativo no mundo literário, impactante para essa juventude periférica.

Além dos slams periféricos e das oficinas com a juventude, a onda de periferização dos slams se consolidou com as Finais Regionais de 2018 e 2019.

O marco dessa onda foi o *ELIPA - Encontro Literário das Periferias*, um encontro de poetas, escritores, músicos e artesãos de três dias, com uma completa grade de programação, com escritores do estado e fora do estado, que teve como carro chefe a *II Final Gaúcha de Slam - 2018* (atualmente o nome é Final Estadual de Slam). O encontro reuniu centenas de pessoas na quadra da Escola de Samba Imperatriz do Leopoldina nos dias 12, 13 e 14 de outubro. Merece destaque o dia 12, Dia das Crianças, em que teve pipoca, brincadeiras e doação de livros, brinquedos, contos afrocontos e oficinas de turbante para as crianças moradoras da região. O início do dia 12 também foi simbolicamente pensado, é na infância que tudo inicia e possui a perspectiva de continuidade. O encontro aconteceu no maior bairro demograficamente de Porto Alegre, bairro Rubem Berta. Não foi por acaso que o local escolhido foi uma ESCOLA de Samba, localizada em um dos bairros mais marginalizados da cidade. Esse local, assim como a escolha do centro no início dos *slams*, também foi estratégico, mas o discurso e o motivo agora eram outros; *As Periferias São o Centro*, slogan do encontro, ilustrava bastante os questionamentos presentes naquele momento.

E não escolher participar de edital, também foi uma escolha política, pensando a construção autônoma desse espaço, com os nossos recursos financeiros próprios, com o financiamento online, com a venda de ecobags, sem um fim lucrativo, porque é justamente isso: é pensar a potencialidade desse território e das pessoas que circulam e podem circular por eles.

(Andressa Moraes, uma das idealizadoras do ELIPA, em entrevista para Rede TVT⁵).

Qual "Potencialidade" circularia naquele espaço? A quais pessoas Andressa Moraes estava se referindo? Justamente o oposto da predominância racial, dos espaços onde os encontros dos slam e outros eventos literários aconteciam, como apresentamos no mapa (Figura 1). Por

5 Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SNF2tg7qbPI> (acesso em 03/06/2021)

isso, não foi por acaso que o local escolhido pela organização do ELIPA foi uma *escola*, espaço de ensino e de cultura preta, lugar onde a literatura, com as poesias construídas e cantadas para a escola concorrer, e outras artes, como música e artes plásticas, são mantenedoras do espaço. A cultura ali está presente desde sempre, o ELIPA acabou levando apenas uma outra forma de linguagem, mas que está totalmente associada com aquele lugar.

O ELIPA iniciou com o escritor Hamilton Borges, da editora e organização *Reaja* do estado da Bahia, com a chamada para a sua intervenção sendo: *Nem às margens, nem periferias: somos o centro do problema*. Ele questionou esse “se colocar” enquanto periférico, dando a entender que fazemos parte dessa estrutura, quando para ele não deveríamos nem legitimar esse ser periférico. Para ele não existe literatura periférica, é literatura preta: “Nós fazemos literatura universal, nós fazemos literatura preta”, afirmou Hamilton. O evento seguiu com o lançamento do livro *Lélia Gonzales: primavera para as rosas negras* da editoras UCPA (União dos Coletivos Pan-africanistas), de São Paulo; seguiu com a roda de conversa *Literatura negro-brasileira: usos e sentidos* com a editora Figura de Linguagem do Rio Grande do Sul e o poeta e escritor Akins Kintê do Sarau Quintal, da Vila Brasilândia de São Paulo; encerrando o sábado com o *Sambarau baile do Elipa: vem pra favela para curtir sarau*, um sarau com os a as poetas sul rio-grandenses Pâmela Amaro, Duan Kissonde, Lilian Rocha e Sidnei Borges com várias outras performances espontâneas de outros poetas presentes no encontro, a base de muita música. No domingo, terceiro dia do encontro, antecedendo a *Final Gaúcha de Slam 2018*, teve as falas do poeta, slammer e educador natural do Bahia, Kuma França e o escritor Emerson Alcalde do *Slam Guilhermina* - o segundo slam brasileiro e o primeiro feito na rua, na estação Guilhermina em São Paulo, na roda intitulada *Poetry Slam: a resistência da palavra*, mediada pelo Janove. A final reuniu centenas de pessoas naquela tarde, os slammers tiveram a opção de utilizar o microfone, mas a maioria optou pela não utilização, fazendo as aproximadamente 400 pessoas ficarem observando e absorvendo, cada palavra, cada *punchline*, cada desenvoltura corporal em quase absoluto silêncio, mesmo sendo para muitos a primeira vez em um *slam*, os slammers

tiraram o fôlego dos ouvintes, em uma final acirrada e *pesada*, estando na final três, mas só se classificando dois para o Slam BR. Quem saiu campeão dessa edição foi o produtor musical, rapper e poeta, classificado pelo *Slam da Bonja*, o slammer Bart, em segundo e também indo para São Paulo representando o Rio Grande do Sul, da cidade de Pelotas, classificada pelo *Slam Poetisa*, a poeta e dançarina Jamile e, em terceiro lugar, um escritor já citado em nosso artigo, organizador do *Slam da Tinga* e do ELIPA, Bruno Negrão. O encontro finaliza com os shows do grupo Filhos da Norte e da rapper Negra Jaque.

Um dos questionamentos que Andressa Moraes relata ter recebido de uma colega branca do curso de psicologia da UFRGS foi: *por que o encontro se chamava Encontro Literário e não Encontro Negro Literário?* Essa pergunta fez total sentido para o momento e foi de encontro a nossa proposta e as falas feitas pelo Hamilton Borges em nosso encontro, Andressa respondeu o questionamento com outra pergunta: *por que nunca chamaram a Feira do Livro de Porto Alegre de Feira do Livro Branca de Porto Alegre?* A conversa se encerrou por ali.

5. CIRCULAR PARA RECONECTAR

Como vimos, o formato slam de poesia falada é um padrão internacional com origem nos Estados Unidos que explode no Brasil, adquirindo características próprias que poderíamos relacionar com a cultura negra e periférica. Na região metropolitana de Porto Alegre, paradoxalmente, o circuito começa a se implementar no centro da capital, um território marcadamente branco. Para além dos seus moradores, o território central funciona como uma encruzilhada e ponto de passagem pela que circulam pessoas de todas as pontas da região, o que faz desta ocupação do centro um movimento estratégico para formar a rede e conectar os slammers, que rapidamente se especializam no formato e desenvolvem formas poéticas expressivas no slam, nos vídeos e nos fanzines. Em um segundo momento, esse circuito de slams volta às periferias, em uma onda que se consolida nas Finais Estaduais de 2018 e 2019, organizadas nas Escolas de Samba Imperatriz Dona Leopoldina (bairro Rubem Berta) e Estado Maior da

Restinga (bairro Restinga). Essa onda marginal e periférica dos slams de Porto Alegre reconecta o formato poético do slam com a cultura negra cristalizada nessas escolas de samba.

REFERÊNCIAS

COELHO, Rogério Meira. *A Palavração. Atos político-performáticos no Coletivo Sarau de Periferia e no Poetry Slam Clube da Luta*. 2017. Dissertação (Mestrado). Artes da cena, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-ARTH6W> Acesso em: 12/04/2023.

CRUZ, Glauber e SOARES, Iarema. “Se Palmares não vive mais, faremos Palmares de novo”. *Nonada*, Porto Alegre, 19/10/2018. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2018/10/se-palmares-nao-vive-mais-faremos-palmares-de-novo/> Acesso em: 14/04/2023.

D’ALVA, Roberta Estrela. “Um microfone na mão e uma ideia na cabeça - o poetry slam entra em cena”. *Synergies Brésil*, núm. 9, 2011, págs. 119-126. Disponível em: <https://www.gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf> Acesso em 10/04/2023.

NEGRÃO, Bruno. E Se Jesus fosse preto? - Bruno Negrão - Poesia Marginal. *YouTube*, subido por Cassio Henrique, 28/08/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mpL-JZI-6D0> . Acesso 14/04/2023.

FONTOURA, Pâmela Amaro Fontoura; SOUTO SALOM, Julio; TETTAMANZY, Ana Lúcia. “Sopapo Poético: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil”. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, núm. 49, 2016, págs. 153-181. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018498> Acesso em 11/04/2023.

FREITAS, Daniela Silva de. *Ensaio sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea* / Tese (Doutorado). 2018. Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34815/34815.PDF> .Acesso em: 08/04/2023.

LORRY, Mike. *A angústia de uma alma*. Porto Alegre: Muruci Editor, 2020.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana*. Tese (Doutorado). 2011. Programa de Pós-graduação da Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo- SP, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12112012-092647/publico/2011_EricaPecanhaDoNascimento_VCorr.pdf . Acesso em: 08/04/2023.

PINTO, Vinicius Teixeira. *Sons do Sul: performances e poéticas do rap em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado). 2015. Centro de Filosofia e Ciências

Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, Santa Catarina, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135100> Acesso em: 10/04/2023.

ROSA, Marcus Vinicius. *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição*. Porto Alegre: EST Edições, 2019.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: literatura negra e periférica no Brasil (1960-2000)*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SOUTO SALOM, Julio; PIRES, Warley Janove Souza. La explosión de los slams de poesía hablada en Brasil. *Literatura: Teoría, Historia, Crítica*. Vol. 22, nº 2, Bogotá. Julh-Dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/lthc.v22n2.86096> Acesso em: 10/04/2023.

VIEIRA, Daniele Machado. *Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800-1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano*. Dissertação (Mestrado). 2017. Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/177570/001065835.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 10/04/2023.

SANTOS, José Antonio dos. *Liga da canela preta: a história do negro no futebol*. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

STELLA, Marcello Giovanni Pocai. “A Batalha da Poesia...”. *Ponto Urbe*, vol. 17, 2015, págs. 1-18. Web. 12 de dez de 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2836> Acesso em:10/04/2023.

TENNINA, Lucia. *Cuidado com os poetas! Literatura e periferia da cidade de São Paulo*. Porto Alegre: Zouk, 2017.

TEPERMAN, R. I. *Tem que ter suingue: batalhas de freestyle no metrô Santa Cruz*. Dissertação (Mestrado). 2011. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Área do Conhecimento Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22022013-100553/publico/2011_RicardoIndigTeperman_VCorr.pdf Acesso em: 11/04/2023.

Resumo: Analisamos a circulação da poesia falada nos slams da região metropolitana de Porto Alegre. A partir de 2017 este circuito regional se insere na rede nacional e internacional de slams, no formato consolidado. Tanto na rede regional como além dela, a poesia flui em suportes variados: corpo e voz dos poetas, vídeos divulgados na internet, fanzines e livros. Observando essa circulação em chave racial e territorial, percebemos um intenso fluxo periférico, autônomo a respeito dos circuitos culturais brancos hegemônicos. Ainda que os primeiros slams da cidade foram organizados no centro, a maioria de poetas e organizadores são de regiões periféricas, e em pouco tempo começaram a organizar slams nos seus bairros. A celebração das finais regionais de slam de 2018 e 2019 nos extremos norte e sul da cidade, em quadras tradicionais de escolas de samba, conclui a conexão dessa rede de slams com a cultura negra, popular e periférica.

Palavras-chave: slams, poesia falada, literatura periférica.